

# A Questom Ucraniana [1\*]

## Leão Trotsky

22 de Abril de 1939

---

**Primeira** Edição: .....  
**Fonte:** <http://www.primeiralinha.org/>  
**Tradução** de: .....  
**Transcrição** de: .....  
**HTML** de: Fernando Antônio de Souza Araújo, julho 2005.  
**Direitos de Reprodução:** [Marxists Internet Archive](#), 2005. A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente garantida nos termos da GNU Free Documentation License.

---

A questom ucraniana, que muitos governos e tantos "socialistas" e mesmo "comunistas" tenham tratado de esquecer ou relegar às profundidades da história, acha-se novamente na ordem do dia, desta vez com força redobrada. O recente agravamento da questom ucraniana relaciona-se intimamente com a degeneração da União Soviética e da Comintern, os êxitos do fascismo e a iminência de uma nova guerra imperialista. Cruzificada por quatro estados, a Ucrânia ocupa agora no destino da Europa a mesma posição que umha vez ocupou a Polónia, com a diferença de que as relações mundiais são actualmente muito mais tensas e os ritmos do processo muito mais acelerados. No futuro imediato, a questom ucraniana está destinada a jogar um importante papel na vida europeia. Por algo Hitler propujo tam ruidosamente a criação de umha "Grande Ucrânia"; e foi também por algo que arrumou esta questom com tam cauta rapidez.

A Segunda Internacional, exprimindo os interesses da burocracia e a aristocracia operária dos estados imperialistas, ignorou completamente a questom ucraniana. Inclusive a sua ala esquerda não lhe dedicou a necessária atenção. Baste lembrar como Rosa Luxemburg, muito embora o seu brilhante intelecto e o seu espírito genuinamente revolucionário, julgou admissível afirmar que a questom ucraniana era a invenção de umha presa de intelectuais.

Esta posição deixou uma profunda pegada até no próprio Partido Comunista Polaco. Os dirigentes oficiais da seção polaca da Comintern viam a questão ucraniana mais como um empecilho do que como um problema revolucionário. Daí as constantes tentativas oportunistas de desviar a questão, suprimi-la, passá-la silenciosamente por alto ou postô-la para um futuro indefinido.

O Partido Bolchevique, sem dificuldade e só gradualmente sob a constante pressão de Lenine, pôde adquirir uma focagem correta da questão ucraniana. O direito à autodeterminação, quer dizer, à separação, foi estendido igualmente por Lenine quer para os polacos, quer para os ucranianos. Ele não reconhecia nações aristocráticas. Toda tentativa de evadir ou pospor o problema de uma nacionalidade oprimida considerava-a expressão do chauvinismo gram-russo.

Após a tomada do poder, teve lugar no partido uma séria luta pela solução dos numerosos problemas nacionais herdados da velha Rússia tsarista. No seu caráter de comissário do povo para as nacionalidades, Staline representou invariavelmente a tendência mais burocrática e centralista. Isto tornou especialmente evidente na questão da Geórgia e na da Ucrânia [2\*]. Até hoje, a correspondência não tem sido publicada. Esperamos poder editar a pequena parte de que dispomos. Cada linha das cartas e propostas de Lenine vibra com a urgência de conformar na medida do possível aquelas nacionalidades que tinham sido oprimidas no passado. Em troca, nas propostas e declarações de Staline, salientava invariavelmente a tendência para o centralismo burocrático. Com o fim de garantir "necessidades administrativas", quer dizer, os interesses da burocracia, as mais legítimas reclamações das nacionalidades oprimidas foram declaradas manifestações de nacionalismo pequenoburguês. Estes sintomas já podiam perceber-se bem cedo, em 1922-1923. Desde essa altura, tiveram um monstruoso crescimento, levando a uma completa asfixia qualquer tipo de desenvolvimento nacional independente dos povos da URSS.

Na concepção do velho Partido Bolchevique, a Ucrânia Soviética estava destinada a se converter no poderoso eixo à volta do qual adeririam as outras seções do povo ucraniano. Durante o primeiro período da sua existência, é indiscutível que a Ucrânia Soviética foi uma poderosa força de atração a respeito das nacionalidades, além de estimular a luta dos operários, os

camponeses e a intelectualidade revolucionária da Ucrânia Ocidental escravizada pela Polónia. Mas, durante os anos da reacção termodoriana, a posição da Ucrânia Soviética e, com ela, a reclamação da questão ucraniana no seu conjunto, mudou bruscamente. Quanto mais profundas foram as esperanças despertadas, mais tremendas foram as desilusões.

A burocracia também estrangulou e saqueou o povo da Grande Rússia. Mas nas questões ucranianas as coisas complicaram-se ainda mais pelo massacre das esperanças nacionais. Em nenhuma outra parte as restrições, purgas, repressões e, em geral, todas as formas de tirania burocrática assumiram dimensões tão assassinas como na Ucrânia, ao tentar esmagar poderosos anseios de maior liberdade e independência profundamente arraigados nas massas. Para a burocracia totalitária, a Ucrânia Soviética tornou-se numa divisão administrativa da unidade económica e de uma base militar da URSS. Que não fique qualquer dúvida: a burocracia de Staline erige estátuas à memória de Shevchenko, mas faz-no apenas como fim de esmagar mais minuciosamente o povo ucraniano sob o seu peso e obrigá-lo a cantar hinos à camarilha violadora do Kremlin no idioma do Kobzarii [3\*].

A respeito das partes da Ucrânia que hoje estão fora das suas fronteiras, a atitude actual do Kremlin é a mesma que com todas as nacionalidades oprimidas, as colónias e semicolónias: são moedas de câmbio nas suas combinações internacionais com os governos imperialistas. No recente Decimo oitavo Congresso do "Partido Comunista", Manuilski, um dos mais repugnantes renegados do comunismo ucraniano, explicou com bastante franqueza que não só a URSS, como também a Comintern (a "falsa-união" segundo a formulação de Staline) recusavam solicitar a emancipação dos povos oprimidos quando os seus opressores não eram inimigos da camarilha moscovita no poder. Staline, Dimitrov e Manuilski defendem actualmente a Índia contra o Japão, mas não contra Inglaterra. Os burocratas do Kremlin estão prontos a ceder de vez a Ucrânia Ocidental à Polónia em troca de um acordo diplomático que lhes pareça proveitoso. Ficam longe os dias em que só se atreviam a episódicas combinações.

Não fica rasto da anterior confiança e simpatia das massas ucranianas pelo Kremlin. Desde a última "purga" assassina na Ucrânia, ninguém no Oeste quer passar a fazer parte da satrapia do Kremlin, que continua a levar o nome da

Ucrânia Soviética. As massas operárias e camponesas da Ucrânia Ocidental, da Bukovina, dos Cárpatos ucranianos, estão confundidas: a quem recorrer? O que Pedir? Esta situação desvia naturalmente o liderato para as camarilhas ucranianas mais reaccionárias, que exprimem o seu "nacionalismo" tentando vender o povo ucraniano a um ou outro imperialismo em pagamento de uma promessa de independência fictícia. Sobre esta trágica confusão baseia Hitler a sua política na questão ucraniana. Temos dito numa ocasião: se não fosse por Staline (por exemplo, a fatal política da Comintern na Alemanha), não haveria Hitler. A isso pode acrescentar-se agora: se não fosse pela violação da Ucrânia Soviética por parte da burocracia estalinista, não haveria política hitlerista na Ucrânia.

Aqui não devemos demorar para analisar os motivos que levaram Hitler a descartar, sequer por um tempo, a palavra de ordem da "Grande Ucrânia". Estes motivos devem procurar-se, de uma parte, nas fraudulentas ligações do imperialismo germano e, de outra, no temor de evocar um espírito maligno que poderia ter resultado difícil de exorcizar. Hitler presenteou os sanguinários húngaros com os Cárpatos ucranianos. Embora não o fizesse com a aprovação expressa de Moscovo, sim pelo menos com a segurança de que esta aprovação havia de chegar no futuro. É como se Hitler tivesse dito a Staline: "Se me estivesse preparando para atacar amanhã a Ucrânia Soviética, teria mantido os Cárpatos nas minhas mãos". Em resposta, Staline, no Décimo Oitavo Congresso, saiu abertamente em defesa de Hitler contra as calúnias das "democracias ocidentais": Hitler tenta atacar a Ucrânia? Nada disso! Lutar contra Hitler? Não há a menor razão para fazer tal. Obviamente, Staline interpreta como um acto de paz o trespasso à Hungria dos Cárpatos ucranianos.

Isto significa que parte do povo ucraniano tornou moeda de troca para os cálculos internacionais do Kremlin. A Quarta Internacional deve compreender com clareza a enorme importância da questão ucraniana, não apenas no destino do leste e sueste europeus, mas da Europa no seu conjunto. Trata-se de um povo que demonstrou a sua viabilidade, numericamente igual à população de França e que ocupa um território excepcionalmente rico e, aliás, da maior importância estratégica. A questão da sorte da Ucrânia está colocada em todo o seu alcance. Cumpra uma palavra de ordem clara e definida, que corresponda à nova situação. Em minha opinião, há a actualidade uma única palavra de

ordem: Por umha Ucrânia Soviética de operários e camponeses, unida, livre e independente.

Este programa está, ante todo, em irreconciliável contradição com os interesses das três potências imperialistas: Polónia, Roménia e Hungria. Só pacifistas irrecuperavelmente imbecis som capazes de julgar que a emancipação e unificação da Ucrânia pode levar-se a termo por meio de pacíficas conversas diplomáticas, referendos ou decisons da Liga das Nações, etc. Com certeza, nom melhores as soluções que proponhem os "nacionalistas", que consistem em se colocarem ao serviço de um imperialismo contra o outro. A tais aventureiros, Hitler deu-lhes umha impagável lição entregando (por quanto tempo?) os Cárpatos aos húngaros, que imediatamente exterminárom nom poucos ucranianos leais. Enquanto a questom depender do poderio militar dos estados imperialistas, a vitória de um bando ou outro só pode significar um novo desmembramento e umha vasalagem ainda mais brutal do povo ucraniano. O programa de independência da Ucrânia na época do imperialismo está directa e indissolúvelmente ligado ao programa da revolução proletária. Seria criminoso alimentar ilusom algumha sobre isso.

Mas - gritarám a coro os "amigos" do Kremlin - a independência da Ucrânia Soviética significaria a sua separação da URSS? O que tem isso de terrível?, contestamos. É-nos alheio o culto apaixonado polas fronteiras estatais. Nom sustemos a posição de umha totalidade "unida e indivisível". Depois de todo, inclusive a constituição da URSS reconhece o direito dos seus povos federados à autodeterminação, quer dizer, à separação. Assim, nem sequer a própria oligarquia do Kremlin ousa negar tal princípio, embora só tenha vigência no papel. A mais mínima tentativa de apresentar abertamente a questom de umha Ucrânia independente significaria a imediata execução sob o cargo de traição. Mas é precisamente este desprezível equívoco, esta despiadada perseguição de todo pensamento nacional livre, o que tem levado as massas trabalhadoras da Ucrânia, em grau muito maior do que as da Gran Rússia, a considerar monstruosamente opressivo o domínio do Kremlin. Perante umha tal situação interna, é naturalmente impossível falar de que a Ucrânia Ocidental se una voluntariamente à URSS, do modo como esta é actualmente. Por consequência, a unificação da Ucrânia pressupom a libertação da Ucrânia Soviética da bota estalinista. Também nesta questom a camarilha bonapartista colheitará o que tem sementado.

Mas, nom significaria isto o enfraquecimento militar da URSS?, uivarám com horror os "amigos" do Kremlin. Respondemos que o enfraquecimento da Union Soviética se deve às tendências centrífugas em permanente crescimento que gera a ditadura bonapartista. Em caso de guerra, o ódio das massas à camarilha governante pode levar ao colapso das conquistas de Outubro. A fonte dos sentimentos derrotistas acha-se no Kremlin. Em troca, umha Ucrânia Soviética independente converteria-se, embora apenas fosse por próprio interesse, num poderoso baluarte sulocidental da URSS. Quanto mais aginha for socavada, derrubada, esmagada e varrida a actual casta bonapartista, mais firme tornará a defesa da República Soviética e mais seguro estár o seu futuro socialista.

Naturalmente, umha Ucrânia independente de operários e camponeses poderia a seguir unir-se à Federação Soviética; mas voluntariamente, sobre condições que ela mesma julgasse aceitáveis, o que por sua vez pressupom umha regeneração revolucionária da URSS. A autêntica emancipação do povo ucraniano é inconcebível sem umha revolução ou umha série de revoluções no Oeste, que podam conduzir em última instância à criação dos estados unidos soviéticos da Europa. Umha Ucrânia independente poderia unir-se a esta federação como membro igualitário e indubitavelmente faria-o. A revolução proletária na Europa, por seu turno, nom deixaria em pé nem umha pedra da repugnante estrutura do bonapartismo estalinista. Nesse caso, seria inevitável a estreita union dos estados unidos soviéticos da Europa e a regenerada URSS, e representaria infinitas vantagens para os continentes europeu e asiático, incluindo, com certeza, a Ucrânia. Mas aqui estamos a desviar-nos para questons de segunda ou terceira ordem. A questom de primeira ordem é a garantia revolucionária da unidade e independência da Ucrânia de operários e camponeses na luta contra o imperialismo, de umha parte, e contra o bonapartismo moscovita, de outra.

A Ucrânia é especialmente rica em experiências de falsos caminhos de luta para atingir a emancipação nacional. Ali todo foi testado: a Rada [governo] pequenoburguesa e Skoropadski, Petlura, umha "aliança" com os Hohenzollern e combinações com a Entente [4\*]. Após estes experimentos, só cadáveres políticos podem continuar a depositar esperanças em qualquer fracção da burguesia ucraniana com líder da luta nacional pola emancipação. Unicamente o proletariado ucraniano é capaz nom só de realizar esta tarefa -revolucionária

em essência-, como também de tomar a iniciativa para conseguir a sua solução. O proletariado e só o proletariado pode congrega à sua volta as massas camponesas e a intelectualidade nacional genuinamente revolucionária. Ao começo da última guerra imperialista, Melenevski ("Basok") e Skoropis-Yeltujovski tentárom colocar o movimento de libertação ucraniano sob a ala de Ludendorff, general dos Hohenzollern. Para tal, disfarçárom-se de esquerdistas. Os marxistas revolucionários expulsárom-nos de um pontapé. Eis a forma como devem agir os revolucionários no futuro. A iminente guerra criará umha atmosfera favorável a todo o tipo de aventureiros, caçadores de milagres e buscadores do velocino de ouro. Estes cavalheiros, que temem especial preferência por quecer as maos ao fogo da questom nacional, nom devem ser admitidos nas fileiras do movimento operário. Nem o mais mínimo compromisso com o imperialismo, seja fascista ou democrático! Nem a mais mínima concessom aos nacionalistas ucranianos, sejam clerical-reaccionários ou liberal-pacifistas! Nom à "frente popular"! Completa independência do partido proletário como vanguarda dos trabalhadores!.

Esta acho eu a política correcta para a questom ucraniana. Falo aqui pessoalmente e em meu próprio nome. Cumpre abrir a discussom internacional sobre o tema. O primeiro lugar nesta discussom corresponderá aos marxistas revolucionários ucranianos. Escutaremo-los com grande atençom. Mas convém-lhes apressar! Resta pouco tempo para preliminares!

---

Notas:

[1\*] A questom ucraniana. Socialist Appeal, 9 de Maio de 1939, onde se intitulava "O problema da Ucrânia". A política que propom está muito mais explicada em Escritos, Tomo XI (1939-1940). ([retornar ao texto](#))

[2\*] No verao de 1922 surgírom desavenças sobre a maneira em que a Rússia controlava as repúblicas nom russas da Federaçom Soviética. Staline estava por apresentar umha nova constituíçom, muito mais centralista que a sua predecessora de 1918, que restringiria os direitos das nacionalidades nom russas transformando a Federaçom de Repúblicas Soviéticas numha Uniom Soviética, ao qual se punham com toda a força georgianos e ucranianos. Lenine, desta vez, apoiou Staline; em Dezembro de 1922, logo de receber o relatório de umha comissom de inquérito independente que

tinha enviado à Geórgia, mudou de opinião sobre os acontecimentos nessa região. Propunho então que os direitos dos georgianos, ucranianos e outras nacionalidades nas russas eram mais importantes que as necessidades de centralização administrativa que aduzia Staline. Lenine exprimiu esta opinião no seu artigo "A respeito do problema das nacionalidades ou sobre a "autonomização"" (Obras Completas, T. 36). ([retornar ao texto](#))

[3\*] Taras Shevchenko (1814-1861): poeta ucraniano que chegou a ser considerado o pai da literatura nacionalista do seu país. Fundou uma organização para promover a igualdade social, a abolição da escravatura, etc. Continua a ser o símbolo das aspirações e fins do povo ucraniano. Kobzar foi o seu primeiro livro de poesias (publicado em 1840), considerado geralmente como uma das maiores obras da literatura ucraniana. O título foi tomado de um antigo instrumento de corda e simboliza a variada herança ucraniana. ([retornar ao texto](#))

[4\*] Pavel Skoropadski (1873-1945): general do exército czarista, em 1918 foi durante um breve período o governador títere da Ucrânia quando as tropas alemãs ocuparam o país e dissolveram a Rada. O seu regime caiu logo após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Simon V. Petlura (1877-1926): foi social-democrata de direita antes da Revolução. Em Junho de 1917 foi designado secretário geral para assuntos militares da Rada ucraniana. Aliou-se com a Polónia na guerra soviético-polaca de 1920. ([retornar ao texto](#))